
ENGOLINDO EMOÇÕES: O corpo no reality show “Seca Você”¹

Andrea Ferreira Passos²

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O presente artigo aborda o fenômeno contemporâneo da midiatização do processo de emagrecimento do corpo gordo na cultura contemporânea, com o foco no Reality “Seca Você” idealizado pela empresária do emagrecimento Maíra Cardi, é importante enfatizar que este artigo é o recorte de uma pesquisa maior em andamento. O objetivo é compreender os sentidos do corpo gordo diante do referencial da saúde e da magreza nesse programa. O caminho teórico-metodológico está fundamentado em uma análise discursiva que o foco é o corpo diante do processo de reconfiguração corporal em busca da saúde e para os estabelecimentos do sujeito e na sociedade. O que justifica tal pesquisa é a crescente construção do imaginário sobre o corpo e a saúde nas redes sociais com reflexo na sociedade. Baseando-se nas visões de Foucault e Maffesoli, pretende-se compreender melhor a cultura desse corpo imaginário como realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Imaginário; Emagrecimento; Saúde.

INTRODUÇÃO

Diante da crescente indústria da saúde e dos avanços da comunicação houve um boom informativo sobre bem-estar, e os internautas passaram a buscar mais informações sobre um estilo de vida, práticas e uma rotina mais saudável. As blogueiras que trabalham essa temática cresceram muito nos últimos anos, conquistando posições de autoridades no assunto, mesmo sem quaisquer qualificações. O corpo atlético e esguio é destaque nas redes, nas telas no imaginário social. O corpo gordo carrega estereótipos de preguiça, desleixo e dismorfismo. Assim, reprogramação o corporal torna-se um sinônimo de busca pela saúde.

Pensando nesse viés, vamos analisar neste trabalho a performance da Maíra Cardi, que se assume como empresária do emagrecimento. Nosso corpus se concentra no

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação no PPPCOM da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. E-mail: andreafterpassos@yahoo.com.br

primeiro episódio do Reality “Seca Você” publicado em 03 de abril de 2022. Nossa análise irá focar nas falas da Maíra, que valoriza o emagrecimento, foca na dor de ser gordo e reproduz estereótipos sobre o corpo gordo em nome da valorização da saúde. O caminho teórico-metodológico está fundamentado em uma análise discursiva que tem como foco o a experiência com a reprogramação corporal e a busca por um estilo de vida saudável.

Considera-se, portanto, uma análise discursiva de inspiração foucaultiana (FOUCAULT, 1986). O episódio é configurado a partir da sua representação midiática e como práticas que formam os sujeitos e proporcionam sua imersão na cultura do emagrecimento. O trabalho propõe uma investigação a performance da apresentadora no canal “Maíra Cardi” no primeiro episódio do reality, para avaliar se existe uma contribuição do mesmo no sentido de disseminar uma imagem padrão sobre o corpo no cenário contemporâneo.

Diante do exposto, qual a noção de saúde esse imaginário constrói? Que tipos de imagens são associadas a ideia de emagrecimento no reality? Usaremos as ideias de que as tecnologias do imaginário modelam os corpos, visualizando o reality como espetáculo da magreza, a gordura como fonte dos males e afirmando que o corpo imaginário é uma realidade

ESPETÁCULO DA MAGREZA NO YOUTUBE

O YouTube (www.youtube.com) é uma plataforma de compartilhamento de vídeos na internet. Desde o seu surgimento em 2005, ela reconfigurou as possibilidades de assistir, compartilhar, comentar e publicar vídeos. O site atualmente, pertencente ao grupo Google, e tem mais de 1,9 bilhão de usuários ativos conectados por mês. Esse valor representa metade da internet. Diante do exposto, há uma estimativa de que usuários dessa rede chegam a visualizar mais de 1 bilhão de horas de vídeo por dia na plataforma. Cada Canal no YouTube tem sua audiência e conteúdos selecionados por galgar alguns objetivos almejados pelo produtor do conteúdo dentro da plataforma. A temática pode ser algo mais casual ou profissional, dependendo dos recursos do youtuber.

O YouTube, além de plataforma social, é uma fonte de monetização, afinal, vivemos no capitalismo. Diante disso, é perceptível a modulação dos interesses pelo Digital Influencer, que vira Celebridade na Internet com um ideal, no caso da Maíra Cardi, é o emagrecimento – ou a monetização do seu programa. Seus vídeos de maior audiência

e repercussão, são os que abordam a magreza direta ou indiretamente. A temática do emagrecimento é algo corriqueiro na Internet e, de fato, há muitos canais dedicados ao assunto a rede Youtube, entretanto, por ter uma imagem consolidada no mercado midiático e a fama de emagrecer artistas, o canal da empresária tem mais de 30.578.998 visualizações.

O canal “Maíra Cardi” foi criado pela Coach, blogueira e empresária do emagrecimento, no dia 4 de junho de 2013. Em sua apresentação, a influencer passa o link para a inscrição e também coloca os links do seu perfil do Instagram e do seu programa, o “Seca Você Renove”. Desde a sua criação, o canal conta com mais de 30.539.434 visualizações e 1,03 milhões de inscritos, que são as pessoas que acompanham as publicações. Os 135 vídeos postados na página não apresentam frequência constante. Dentre receitas saudáveis e entrevistas com famosos que emagreceram no seu programa, ela expõe aspectos da vida pessoal e a mais recente publicação, é a sequência do Reality.

O Reality é uma documentação das metodologias da Maíra: o “Seca Você” e o “Cura Você”. Durante um período de sete meses, vinte e cinco mulheres foram acompanhadas em suas rotinas, com suas dores, dificuldades e sua rotina de emagrecimento. Com relatos pessoais, a sequência de quatro episódios vinculadas no YouTube abordam assuntos como o processo de emagrecimento, a alimentação, a maternidade, os traumas, a dor do corpo gordo e o processo metodológico criado pela blogueira. O programa é enquadrado na categoria Reality show de Transformação Estético, de acordo com a classificação da Silva Viana. (2021 p.12).

Neste artigo, iremos trabalhar o primeiro episódio do programa, que, como afirma a coach “é a virada de chave para alcançar o saudável”. Mas, para aprofundar no programa, é fundamental encarar a dor. Pois, diante da compulsão alimentar há o uso da autopunição: comer. A imagem do corpo disforme também é muito explorada, pois no programa, há transições do antes e depois para mostrar a vitória das participantes e a concretização da reprogramação corporal.

A desistência é condição comum a qualquer participante dos reality shows entretanto, no Seca Você, a ideia é não fazer a participante render-se. O slogan “não é sobre o que se come, é o que tem por trás disso”, tal afirmação é a base do episódio que trabalha algumas dores, abusos e dificuldade de se expressar. Aqui há uma afirmação

marcante e recorrente “a comida preenche um vazio gigante, então haja colo, haja conchego”.

No primeiro episódio, há um o eterno ciclo de comer e sofre que é iniciado a cada refeição. Em um dos depoimentos de sofrimento, na qual a participante está no seu limite, a monitora afirma “Eu poderia te falar para atacar o mousse de limão, por que você é livre, mas não vou te falar isso, pois eu quero a sua cura, quero que você tenha o controle!” A participante então responde “É um inferno, é dolorido não se controlar, é bizarro”. O conflito entre o querer e as limitações do poder.

Em sua obra “Rituais de sofrimento” Silvia Viana adentra ao universo dos reality shows. Ao discorrer sobre os programas de emagrecimento. Viana assenta que estes, são um espetáculo de crueldade a parte. “A gordura é a imagem sintética da estagnação do capital humano e da ausência do cálculo adequado para a capitalização de si” (2021 p.117). Para a autora, tais programas apenas reforçam o estereótipo de gordura associada a preguiça, irresponsabilidade e doença. Para a autora, o sofrimento se tornou ética de integração no sistema social, pois, há “uma inversão de valores determinada pela completa ausência de escolha” (2021 p. 154).

O motor do programa é a transformação. Mas no Reality “Seca Você”, não há transformação sem dor. Para Viana (2021 p.152) “a dignidade do sofrimento não está na transcendência, mas na persistência – Sou brasileiro, e não desisto nunca”. O sofrimento aqui, é passível, é uma adaptação, uma conquista de fé. Há uma degradação do corpo antigo, para a construção de um novo, saudável e magro. “Os participantes de reality shows sabem o que esperar” (2021 p. 137). É o que fica explícito na fala da Maíra, “quero que você aproveite esse programa como a sua última oportunidade”. Fica claro que somente os corajosos permanecem na dor da transformação. Para o programa, é importante é superar.

ANÁLISE DO EPISÓDIO

No dia 03 de abril de 2022, o canal do YouTube “Maíra Cardi” publicou o primeiro vídeo da sequência do Reality “Seca Você”. A própria Maíra é a apresentadora e afirma que apresenta “o maior reality de transformação”. A coach então, relata algumas dores das participantes e afirma que a comida preenche um vazio gigante. A primeira

pergunta é “o que te trouxe aqui?”. A resposta é a transformação. Mas há uma marca do programa, a apresentadora afirma: “elas entram para emagrecer, mas resolvem a vida!”.

A apresentadora ressalta uma premissa base das suas metodologias “a comida representa o amor, ela preenche um vazio gigante”. Nesse pensamento, a Maíra Cardi afirma que o primeiro contato do ser humano com amor é com o leite materno, depois a comida nos aniversários, eventos sociais e datas comemorativas. Tudo com muita comida, assim, formam-se os caminhos neurológicos “mais comida, mais felicidade”, afirma a coach. Neste episódio, os caminhos neurais relacionando a felicidade envolvem os prazeres das refeições.

A relação entre o comer e o engordar, Para Mendes (2016b p.125) representa dos desejos da carne encontra o ‘espírito’ dos tempos atuais: o corpo em forma. Nessa analogia a autora retrata a imaginário cristão da luta da carne, ao trazer referenciais de pecado ao ato de comer. No “Seca você”, ao comer demasiadamente, inicia-se o ganho de peso, e logo, começa a culpa. Neste programa há diversas negativas associadas ao estereótipo gordo de dor, sofrimento e angustias. A imagem não é o signo do longínquo, mas é o emblema do que se vive. (MAFFESOLI, 2010, p.119)

O Reality é uma junção das metodologias da Maíra Cardi, o “Seca Você” e o “Cura Você”. No “Seca Você” o foco é a mudança alimentar, atividade física e implantação de uma nova rotina. Já o “Cura Você” é um programa com aulas diárias e acompanhamento com analista, este é tido como um trabalho comportamental. Entende-se que os caminhos metodológicos são, a reprogramação do o corpo, e a cura da alma. A sensação é de que A Maíra Cardi é capaz de transformar qualquer corpo em magro é saudável é corrente e real, como podemos ser comprovadas pelas participantes que afirmam “sou eternamente grata, essa mulher mudou a minha vida!”.

No contexto do programa as participantes são compreendidas como um corpo com sentidos, significados, mas também como sujeito que sofrem por viverem em um corpo disforme. O emocional é destaque. Para o processo do programa, é fundamental aprofundar na dor pra vencer. Pois, diante da compulsão alimentar há o uso da autopunição: comer. Para Maffesoli, “o emocional, no caso, fundamenta-se em sentimentos comuns na experiência partilhada, na vivência coletiva” (Maffesoli, 1996, p. 96). O corpo é, assim, transformado diante das vivencias dessas mulheres e assim elas constroem uma nova imagem corporal.

Outro ponto de destaque é a identificação das narrativas de vida das participantes com os telespectadores. Tais narrativas são ativadas nos discursos da apresentadora “mulheres que sofrem menos, mais ou igual a você”, “quando você não tem mais forças, não consegue, eu faço por você”, e “o seu sofrimento é nosso. Há uma identificação com os dramas das mulheres obesas e também em torno de um imaginário comum, o emagrecimento e a saúde ideal.

Diante da estética, Maffesoli assenta que “experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido” (MAFFESOLI, 2010, p.143). Tal sentido da vivência coletiva, conecta. Ao narrar as histórias das participantes e enfatizar que “o seu sofrimento é nosso”, a apresentadora conquista o ouvinte.

A exibição do antes e depois também produz um impacto visual. Para Mendes (2016b p.211) “Após a modelagem midiática, o espelho revela o (re)surgimento de uma suposta essência dos personagens descolocada em virtude das antigas referências corporais”. Para a autora, é o que Maffesoli destaca ao afirmar que, no tribalismo pós-moderno, o homem está na sua busca por sentido e identificação. Há uma identificação das participantes com a Maíra e dos telespectadores também.

Em um cenário de mulheres com biotipo diferentes, históricos e rotinas diferentes, a Maíra Cardi afirma que 80% das mulheres participantes não sabiam e não lembravam da profundidade da dor que sentiam antes de participar do programa e enfatiza que as pessoas não comem comida, elas engolem emoções. Então é aberta a chamada para um novo episódio, com as histórias de outras participantes e outras análises do corpo, da dor do corpo gordo e do emagrecimento e da saúde como troféus.

A GORDURA COMO FONTE DOS MALES

O corpo não cessa de ser descoberto. Para Le Breton (2007), o corpo é o vetor semântico, que constitui a relação do indivíduo com seu contexto cultural e social. Assim o corpo produz sentidos e se posiciona na história. Na Antiguidade clássica, ele foi modelado aos deuses, no renascimento, trouxe o belo ao olhar das artes. Na idade média, a igreja apoderou-se do corpo e a modernidade o revestiu com ideais de liberdade. Diante da pós modernidade cabe questionar os padrões corporais da atual sociedade. Mas, é

importante enfatizar que “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (Le Breton, 2007, p. 7).

A relação que pretendemos explorar nesta análise é a de sujeito-corpo, que Maffesoli denomina de corporeidade. Para o autor “A corporeidade é o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos. É, portanto, o horizonte de comunicação que serve de pano de fundo à aparência” (Maffesoli, 1996, p. 134). A comunicação é o alicerce para o estabelecimento do corpo na sociedade em toda sua complexidade.

Para o sociólogo, há uma transformação constante nas relações de identificação e imagem corporais pois, a relação do homem e do contexto é permeada por sentidos socioculturais que alicerçam a corporeidade. “O emocional, no caso, fundamenta-se em sentimentos comuns na experiência partilhada, na vivência coletiva” (Maffesoli, 1996, p. 96). Ou seja, o corpo é fruto de um imaginário. E o imaginário para o sociólogo, é uma realidade, como dito em sua entrevista:

Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (SILVA, 2001, p. 75)

O professor Juremir Machado da Silva, em sua obra “As Tecnologias do Imaginário” afirma que o imaginário é um reservatório/motor. De imagens, sentimentos, experiências da sua vivência e atuação no mundo real. Para o autor, é motor, pois molda as atitudes dos imaginantes com relação ao mundo que imaginam. De acordo com Juremir, pelo “imaginário cada um faz sua obra de arte” (Silva 2020 p.51), diante desse ponto de vista, a reconstrução e a desconstrução são condições do imaginário.

No imaginário social existe a imaginação da forma corporal padrão, que expressa saúde, magreza e reflete o estabelecido pela mídia. Embora a produção histórico-discursiva sobre o corpo o evidencie como uma evolução diante de diversas modificações, atualmente, o corpo é concebido imagetivamente – magro, torneado, exaltado diante da cultura fitness e do apogeu das mídias. Quando se discute sobre a estética corporal, levantam-se posicionamentos sobre emagrecimento, obesidade e os sentidos desses

corpos na atualidade. O corpo rechonchudo da antiguidade, tido como símbolo da prosperidade burguesa divaga do seu posto e tem-se então, o apogeu do corpo magro e malhado.

Tal premissa é visualizadas nas redes sociais, onde “cada vez mais as pessoas trabalham o seu corpo, seja para o aproximar de um modelo imposto do exterior seja para o modelar ao gosto pessoal” (Ribeiro, 2003 p.31). É o que Sacramento, Magalhães e Abib chamam de e docilização do corpo. Os autores, em sua análise sobre perfis no Instagram de duas blogueiras, destacam os sentidos em torno do corpo feminino, diante da influência midiática. Há então, uma padronização corporal a ser alcançada: um corpo belo e saudável. Para os autores, “os indivíduos são incentivados, através de uma variedade de práticas discursivas e institucionais, a atender aos padrões normativos e desejam obter as recompensas que o cumprimento desses padrões torna possível.” (SACRAMENTO, MAGALHÃES, ABIB 2020 p.84)

Desde que os problemas com a obesidade começaram a ser reportados pela mídia, o medo de engordar, é tratado como falta de cuidado ou incompetência no gerenciamento do próprio corpo. Para Gomes (2017 p.499) “O corpo se torna objeto de investimentos e cuidados. A forma corporal concerne à qualidade da gestão dos hábitos do indivíduo, o domínio de si, evitando práticas que possam redundar em doenças”. Desde modo, o corpo gordo é visto como desforme e incompetente ao imaginário cultural. Desleixado com a saúde, negligente com a imagem.

Para Gomes (2019) a noção de saúde é definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades” (OMS, 1946, doc. não paginado). Mas amplia-se no digital, para a autora, “tornando-se objeto de intervenção e modulação constante” (2019, p.7). Sob um olhar maffesoliano, ela ainda destaca a saturação da condução do contexto tecnológico instável, emocional, intenso e presenteísta. E, de acordo com Mendes (2016 p.90) imaginário midiático está, por sua vez, ancorado num desejo intenso de materializar ou objetificar a saúde (informar) em termos de felicidade e bem-estar e, por outro lado, é perpassado pelo imaginário da vida cotidiana, um penetrando o outro, incessantemente. No que toca ao imaginário

O imaginário de saúde contemporâneo é alicerçado nas tecnologias do imaginário, em sua essência de formar (ou produzir) um tipo corporal que detém graça, bem-estar e padronização. Para Mendes (2016b p.66) “as tecnologias do imaginário, apoiando-se em instrumentos mais refinados, centrados na produção de uma estética (de um gosto ou

sentimento em comum), cercam o público por todos os lados com uma perspectiva de dever de informação e de responsabilidade de gerir o corpo”. Tal exemplo pode ser ilustrado com o Reality “Seca Você” toda a institucionalidade criada pela metodologia da Maíra Cardi para disciplinar vigiar e punir os indóceis em nome da saúde.

Para Juremir, as tecnologias absorvem um sentido de “intervenção, formatação, interferência e construção de ‘bacias semânticas’ que determinarão a complexidade dos ‘trajetos antropológicos’ de indivíduos ou grupos” (Silva 2020 p.20). Os trajetos antropológicos nesse trabalho são a reconfiguração do corpo gordo em um reality. Diante das discussões alavancadas e do questionamento das formas, das condutas e dos posicionarmos no mundo, em vias de tentar compreender sobre a dor do corpo gordo, pois, o emagrecimento no reality e as dores são representações da transformação na sociedade.

O CORPO IMAGINÁRIO É UMA REALIDADE

A saúde imaginária dirige-se do individual para o coletivo. Pois, há uma responsabilização individual. “Você quer o corpo? Quer a saúde? Não vai acontecer se você comer”. Essa é uma das falas da Maíra para as participantes do Reality, mostrando que a disciplina é fundamental para o apogeu corporal. Na atualidade, cuidar do corpo é parte do projeto de autorrealização do eu e um sinônimo de saúde. Diante das generalizações que a obesidade é resultado de problemas emocionais e que é impossível ser feliz acima do peso, o reality constrói um imaginário sobre a gordura marcado pela estigmatização. Gomes (2017 p.499) assenta que:

A dietética contemporânea veiculada na mídia possui grande apelo emocional, visto que promete uma vida mais saudável e prolongada. O imaginário pós-moderno valoriza a forma corporal, atrelando-a a valores como felicidade e autoestima. O indivíduo, autônomo e responsável pela condução da própria vida, arca com o ônus de se equilibrar frente às demandas. Os ideais de saúde e beleza se mesclam em um conjunto de práticas que proporcionam bem-estar físico e mental. A doença imaginária mobiliza ações cotidianas, repercutindo em nossos hábitos mais prosaicos. Ter saúde é quase um dever moral, resultado da gestão eficaz do corpo. (GOMES, 2017 p.499)

Nos quatro episódios transmitidos no YouTube do reality, o destaque não está somente na metodologia de emagrecimento, mas a ideia é mostra que as participantes entraram para emagrecer, mas resolveram a vida e conquistaram saúde, um corpo próximo do padrão da saúde imaginária. Há uma transformação do corpo em imagem, em

um artifício de propaganda, para continuar a venda do programa em nome de uma mudança de vida. Para Mendes e Melo (2016a p.4) “a saúde atende a uma experiência estética, revelando que, por trás de uma biopolítica do corpo, há uma ética se mostrando, nas formas das aparências”. Para as autoras, a estética da saúde é expandida pelos meios de comunicação, que diante da imaginação midiática faz-se perceber que a aparência teatralizada é comum.

Observa-se que o programa, apodera-se da imagem de pessoas acima do peso, para divulgar noções sobre saúde ou doença para cada participante. A condição da obesidade é transmitida através da palavra dor. Para o roteiro do reality as participantes não são gordas porque querem, e sim porque engolem emoções. Há um latente aspecto de conexão entre corpo e mente neste programa. Como pontual Gomes (2017 p.499) “Os ideais de saúde e beleza se mesclam em um conjunto de práticas que proporcionam bem-estar físico e mental”. Sem o equilíbrio, não há saúde.

Para Mendes (2016b p. 69) a autora defende que o corpo saudável atende a uma ética da estética, que é voltada para as sensibilidades, os gostos, as realidades e os imaginário, como pontua, “buscando consumir imagens (corporais) adornadas ao consumo das tecnologias do imaginário”. É o que Walter Benjamin chama de aura e Juremir Machado ratifica ao afirmar que “o imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera” (SILVA p. 75) tecnologias do imaginário. Tal imaginário, reflete-se na saúde imaginária, resultado do magro.

As participantes, com seus corpos disformes, não amparam o imaginário capitalista da performance. Mas os corpos magros e esguios, inspiram os telespectadores, pois transbordam qualidade de vida e saúde. Apoderando-se da ideia de consumação, estes exemplos de reconfiguração corporal, são sim, um espetáculo, ou melhor, um culto da performance.

De acordo com Mendes (2017b p. 69) a publicidade, que é uma das tecnologias do imaginário (SILVA, 2012), apresenta, majoritariamente, as imagens magras. A Maíra Cardi, então, aproveita-se da padronização para vender o seu programa e fazer crer que com o emagrecimento, há uma resolução de propósitos de vida. Além do corpo dos sonhos, a saúde torna-se uma realidade. No programa, é uma dor viver em um corpo disforme, o que prejudica a jornada das participantes na família, no trabalho e na sua vivência em geral. Há vários estereótipos de fracasso e desafeição a si.

Pensando no corpo gordo, vemos o quanto este se transformou numa “marca” depreciativa, desviando-se do padrão tido como normal. Nessa perspectiva, o indivíduo “fora de forma” ou obeso é estigmatizado e tratado com diferença por ter uma aparência física que destoia dos modelos socialmente desejáveis, o que nos mostra a força de uma biopolítica das medidas corporais. Aqui chegamos a um dos aspectos centrais do nosso entendimento de saúde imaginária, que focaliza como a imaginação humana tem sido afetada por imagens de corpo da cultura da boa forma, utilizando as informações das tecnologias do imaginário, as apropriações da atual fase do capitalismo e o discurso do risco para tratar a saúde numa perspectiva estética de viver e experimentar em comum um certo gosto pelo corpo em forma que repudia toda e qualquer transgressão a este modelo. (MENDES 2017b p.74)

A gordura torna-se uma ameaça à saúde pública. E neste programa, o emagrecimento e a vida saudável são um espetáculo sensorial. Pois, diante do discurso apresentado, eles se aproveitam da imagem de pessoas acima do peso para compartilhar as noções sobre o que é saúde ou doença. A incontestável premissa de que há saúde de uma pessoa magra é um exemplo de padronização de uma imagem. É uma imagem involuntária e inconsciente de bem-estar.

Há uma patologização do corpo gordo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a obesidade é caracterizada pelo excesso de gordura corporal depositada em diferentes partes do corpo, podendo desencadear um baixo grau de inflamação, levando à coexistência de vários fatores de risco para a saúde, bem como a associação com outras doenças, entre estas: diabetes, dislipidemias, síndrome metabólica, aterosclerose, doenças cardiovasculares, doenças pulmonares, esteatose hepática não alcoólica, distúrbios do sono, transtornos do humor, e mais recentemente a Covid-19.

A existência de corpos gordos é um fenômeno social. Não se somente um atributo físico mas sim a personificação do imaginário estigmatizado do anormal, não saudável, e disforme diante dos valores socioculturais e também da academia. Assim, fica implícita a ideia do magro com menor risco de adoecimento e, conseqüentemente, melhor saúde. Para gomes, “A distinção entre saúde e doença, antes fundada pela norma, foi substituída pela cultura do risco ou da fragilidade. Essa mudança de estatuto promoveu o alargamento das fronteiras das patologias, incluindo cada vez mais pessoas que têm potencial para desenvolver doenças” (GOMES 2017 p. 496).

Há uma saúde imaginária e uma busca obsessiva e irrealista pelo emagrecimento. Um corpo magro, saudável e livre de dor. Para Mendes (2016a p. 10) “corpo é imaginário (inserido em uma época), é imaginação (produz sentidos e deslocamentos) e imagem (representação)”. Assim, na pós modernidade de exibição do reality no YouTube, o corpo

das participantes é imaginário, imaginação e imagem. Montados e prontos para vender mais programas com o objetivo de alcançar aos benefícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais configuraram um cenário híbrido de produção e consumo de conteúdo. Nestes, há espaços para diversos discursos, que são potencializados pela mídia tradicional na esfera pública. Diante da autonomia da internet e do seu grande alcance, existem narrativas que estão em destaque em certas tribos e devido ao poder das influencers digitais, eles ganham dimensões imensuráveis. O presente artigo tenta apresentar discussões diante de um recorte de uma pesquisa maior em andamento, pelo viés do corpo e o processo de emagrecimento em nome da saúde.

No caso do Reality da Maíra Cardi, há uma possibilidade de construção de uma narrativa de maior potencial, o emagrecimento que transforma o corpo na pós modernidade. Tal metodologia, tem a o emagrecimento e a saúde como focos, mas produz um conjunto de limitações para determinadas comidas, corpos e condutas. Antes de consolidar a transformação corporal é preciso mudar hábitos, comportamentos e a alma, como narra a apresentadora.

É importante destacar que diante da autoridade constituída pela Mayra, as participantes dão sentido a sua trajetória de reprogramação corporal e buscam, pelas representações midiáticas dos corpos de famosas o estímulo para a conquista de seus próprios objetivos. Propomos o desenvolvimento de um estudo através de um aporte metodológico de análise de conteúdo e com base na Sociologia Compreensiva. Segundo Maffesoli (2010), a sociologia compreensiva é um “método compreensivo”, que se empenha em discorrer sobre questões voltadas à socialidade, o imaginário e o cotidiano. De acordo com esta perspectiva, “somos parte integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar”. O pensador pondera ainda que não exista uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las” (Maffesoli, 2010, p. 36).

Para Juremir Machado, tal proposta sociologia é um discurso do social, na qual, o pensador é o mediador da fala social, sem necessariamente querer explicá-lo Silva (2020). O trabalho de analisar o Reality *seca você*, vinculado no Youtube sobre a construção do estereótipo sobre o corpo gordo, a efetivação da autoridade da Maíra e a criação das imagens corporais dentro do programa concretiza a proposta para averiguar tais premissas diante da análise do conteúdo abordado pelos vídeos de destaque do canal Maíra Cardi.

A avaliação do modo como os temas são apresentados, os relatos das vivências das participantes, os discursos, os estereótipos e as afirmações, mostram, com base teórica, que há realmente um reality.

REFERÊNCIAS

GOMES, Denise Cristina Ayres. A saúde como autorrealização: o imaginário na fanpage “Melhor com saúde”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 1, p. 7-28, 2019.

_____. É melhor prevenir do que remediar: a doença imaginária no jornalismo. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 493-503, 2017.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MENDES, P. M. C.; MELO, C. V. A ideia de saúde imaginária no reality show de reprogramação corporal, uma análise de medida certa e além do peso [Internet]. **Anais do 25º Encontro Anual da Compós**, 2016a.

MENDES, Patrícia Monteiro Cruz et al. **Saúde imaginária: a reprogramação do corpo no reality show**. 2016b.

RIBEIRO, Agostinho (2003) **O Corpo que Somos: aparência, sensualidade, comunicação**. Lisboa; Editorial Notícias, p: 303.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1986.

SACRAMENTO, Igor; MAGALHÃES, Thamyres; ABIB, Roberto. As musas fitness como corpos dóceis: uma análise de processos de normalização do corpo feminino na cultura contemporânea. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 22, n. 3, p. 81-93, 2020.

SILVA, J. M. (2001). O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, 15, 74-87

SILVA, JUREMIR MACHADO, 2020. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre; 3ª edição, Sulina.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. Boitempo Editorial, 2021.